

## **CORPO, ARTE E ACP: EXPRESSÕES ARTÍSTICAS NA CLÍNICA**

## **BODY, ART AND ACP: ARTISTIC EXPRESSIONS IN THE CLINIC**

**Lara Porfírio Rabelo<sup>1</sup>**

UNEPOS: Uniao de estudos e Pós-Graduação, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6998-1942>

**Raíssa Guedes<sup>2</sup>**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9666-6133>

### **RESUMO**

Este estudo investiga a questão da corporeidade na Psicologia e, em particular, na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de Carl Rogers, analisando a herança dualista mente/corpo do pensamento moderno que influenciou a história do conhecimento psicológico. Frente aos desafios contemporâneos no Brasil, apresento a virada afetiva e a virada linguística no campo das ciências humanas e sociais, junto com os estudos decoloniais e interseccionais, para problematizar e viabilizar atualizações conceituais na ACP. Aqui, a Arte emerge como um campo encarnado, oferecendo um olhar mais atento para diversos corpos, em suas dimensões sensível, criativa e singular, mas também social, cultural e política. Apontamentos sobre a Terapia Expressiva Centrada na Pessoa, desenvolvida por Natalie Rogers, filha de Carl Rogers, aparecem como uma forma de investigar o potencial das expressões artísticas no processo psicoterapêutico. Algumas

---

<sup>1</sup> Psicoterapeuta da abordagem centrada na pessoa, Pós-graduada pela UNEPOS. [laraporfirio.psi@gmail.com](mailto:laraporfirio.psi@gmail.com)

<sup>2</sup> Estudante de mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Psicoterapeuta da abordagem centrada na pessoa. [raissafguedes@gmail.com](mailto:raissafguedes@gmail.com)

experiências na clínica também encontram seu lugar na escrita, mobilizando reflexões sobre os temas: Corpo, Arte e ACP.

**Palavras-chave:** Corpo, arte, psicologia. abordagem centrada na pessoa. terapia expressiva centrada na pessoa.

### **ABSTRACT**

This study investigates the issue of corporeality in Psychology and, in particular, in Carl Rogers' Person-Centered Approach (PCA), analyzing the dualistic mind/body heritage of modern thinking that has crossed the history of psi knowledge. Faced with contemporary challenges in Brazil, I present the affective turn and the linguistic turn in the field of human and social sciences combined with decolonial and intersectional studies to problematize and enable conceptual updates in PCA. Art emerges here, as an incarnated field, offering a kinder look at different bodies, in their sensitive, creative, singular, but also social, cultural and political dimensions. Notes on Person-Centered Expressive Therapy, developed by Natalie Rogers, daughter of Carl Rogers, appear as a way of investigating the potential of artistic expressions in the psychotherapy process. Some experiences at the clinic also find their place in writing, mobilizing reflections on the themes: Body, Art and PCA.

**Keywords:** Body, Art. Psychology. Person-Centered Approach. Person-Centered Expressive Therapy.

### **INTRODUÇÃO**

As inquietações que moveram este trabalho partiram de minhas experiências enquanto psicóloga clínica, professora e artista em poéticas contemporâneas na área da dança. Nos atravessamentos inter e transdisciplinares entre Psicologia e Arte, fui delineando meus estudos, de modo que tais saberes se incorporaram à minha maneira de perceber e agir nessas áreas. Sinto como se atendesse na clínica com a presença que exige uma dança e como se ensinasse e dançasse em busca do cuidado ético que o encontro com o outro me convida na psicologia. Em meio a esses atravessamentos, o corpo insiste. O meu corpo, o corpo do outro, ainda que

separados por uma tela nos atendimentos online, insistem em transbordar sua cor, seu gênero, sua classe social, sua família, sua casa, suas descobertas, suas dores, suas criações e devires. Encontro-me com pessoas, em sua imensidão de sentidos e possibilidades, experienciando ser corpo nesse mundo.

Diante disso, o primeiro ponto que levanto neste trabalho é a questão da corporeidade na Psicologia e, em especial, na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). É fato que a divisão cartesiana mente/corpo acompanhou a história da ciência moderna e, conseqüentemente, dos saberes psis, compreendendo o corpo por um prisma fisiológico, quantificável, objetivo e como lócus material do sujeito, da pessoa, da consciência supracorpórea (Resende et al, 2017). Ao enfatizar a pessoa como centro do processo, caminhando em direção à liberdade experiencial, ao crescimento e amadurecimento, por meio da tendência à atualização (inerente a todo organismo vivo), a ACP, seguindo o prisma da ciência moderna, invisibilizou aspectos políticos e sociais do corpo, que, em meio às discussões contemporâneas decoloniais e interseccionais, tornam-se imprescindíveis de serem considerados na prática clínica.

Ainda que Carl Rogers busque romper com as lógicas de poder hierárquicas de sua época (a partir de sua posição enquanto homem branco cis heterossexual estadunidense de classe média alta cristão do século XX), as viradas afetiva e linguística somada aos estudos decoloniais e interseccionais oferecem preciosas reflexões para problematizar e viabilizar atualizações conceituais na ACP, reconhecendo a importância de integrar a pessoa a sua experiência, necessariamente, corporal (Rogers, 2016; Santos & Costa, 2017; Maia, 2022).

A arte, entra neste estudo, por oferecer nas minhas experiências clínicas em ACP um olhar mais atencioso para o corpo, em suas dimensões sensível, criativa, singular, mas também social, cultural e política (Resende et al, 2017; Reis, 2014). Ainda que existam muitos pontos de articulação entre Arte e Psicologia, há uma escassez de estudos publicados no Brasil que relacionem arteterapia e ACP, sendo necessário o desenvolvimento de mais pesquisas acerca dessa temática como forma de contribuir com a formação e aprimoramento de psicólogos/as clínicos/as

(Lopes, 2020). Este estudo também contará com apontamentos acerca da Terapia Expressiva Centrada na Pessoa, desenvolvida por Natalie Rogers, filha de Carl Rogers, como forma de investigar o uso de expressões artísticas na clínica em ACP. Por fim, apresento alguns relatos de minhas experiências na clínica, com o intuito de exemplificar na prática os atravessamentos entre essas temáticas: Corpo, Arte e ACP.

Já mapeado nosso percurso, o objetivo aqui é analisar o potencial da Arte em articulação com a necessidade de se abordar a corporeidade na clínica em ACP. Neste estudo, a compreensão de um organismo biopsíquico não se mostra suficiente, mas sim a de um corpo que é contexto, cultura, sociedade, relação, história e que é, portanto, político. Desse modo, a principal questão que se apresenta é: Tendo em vista que o corpo se configura como centro da experiência de qualquer pessoa, como a expressão artística emerge enquanto uma significativa aliada para resgatar e valorizar o corpo na psicologia?

### **CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA**

Início minhas confabulações apontando a abertura ao diálogo e a atualizações teóricas, por parte de Carl Rogers, em relação a construção de conhecimentos na Abordagem Centrada na Pessoa. Na medida em que anunciava seus erros, limitações, descobertas e devires emaranhados às experimentações e hipóteses em seu trabalho, Rogers explorou diferentes caminhos sem a pretensão de escrever receitas prontas ou impulsionar obediências dogmáticas. Ao contrário, convidou ao questionamento das relações de poder e à experimentação e descoberta de novas formas de sermos, criarmos e pensarmos.

Diante disso, acrescento a provocação da psicóloga ACPista brasileira Marina Maia (2022) acerca da necessidade de uma implicação ética e contextualizada por parte de profissionais da psicologia, de modo que teoria e prática ofereçam novos “caminhos para a experiência do sentir e um fazer mais implicado com a vida” (p. 4).

Posto isso, vislumbro diálogos em uma escrita solitária; convido a uma abertura para sentir, estranhar e (des)encontrar ao ler e reler; suponho um espaço tão livre quanto o possível para expor tensões e impasses como psicóloga. Escrevo a partir de mim, mulher cis branca pansexual de classe média alta brasileira, que acostumada com improvisações dançantes, busco me perceber na relação com um determinado espaço-tempo para, de forma mais congruente e consciente, conectar-me com o devir de minha expressão. Assim, exponho a investigação da corporeidade enquanto um campo conceitual encarnado que carece de muito mais atenção no cenário das práticas e saberes em psicologia. É imprescindível enfatizar que, desde a modernidade ao atual neoliberalismo contemporâneo, o corpo segue colonizado, por diversos e distintos discursos, práticas, modos de ser e de viver, mas a todo instante e a cada detalhe colonizado (Santos & Costa, 2017).

### **¿QUE CORPO É ESSE?**

Na medida em que todo o paradigma da ciência moderna ganhou sustentação no pensamento dicotômico de René Descartes acerca da divisão hierárquica mente/corpo, foi estabelecida a necessidade de separar o homem da natureza para melhor entendê-la, prevê-la e controlá-la. O corpo, frente a herança platônica e cristã de Descartes, foi entendido como máquina biológica, invólucro descartável controlado pelo pensamento racional. Assim, ao lado da mente (alma ou espírito), a razão, a cultura, a objetividade, a neutralidade, a verdade do homem que detém o poder e, ao lado do corpo, a emoção, a natureza, os seres submissos a esse poder. A psicologia ganha seu lugar enquanto ciência com tais fundamentos, mas em vista das sucessivas rupturas e atualizações no campo das ciências humanas e sociais, as viradas linguística e afetiva atravessaram em alguma medida a construção de diferentes teorias psicológicas que passam a reivindicar o lugar ativo e não neutro na construção de saberes científicos, além da importância de se considerar o afeto nas relações e conhecimentos. Ainda assim, a tradição cartesiana insiste (Santos e Costa, 2017; Kiffer, 2021; Resende et al, 2017).

Em níveis e aspectos diferentes, abordagens psicológicas apontam para um projeto epistemológico moderno de um humano descolado do tempo e do espaço, imerso nos rastros do dualismo mente/corpo, para alcançar a verdade e o conhecimento. Somada a isso, a necessidade de alienação política e social de uma ciência psicológica que enfatiza autorreflexão da pessoa em sua individualidade, desgarrada do território em que vive (Goia, 2007). E na consciência do corpo alienado, que pensa para se ausentar, as violências sociais se perpetuam. Assim, o corpo é visto como um invólucro de matriz fisiológica, quantificável e objetiva por parte de psicólogos inscritos na materialidade da fisiologia sensorial, entre os séculos XIX e XX. Uma corporeidade homogênea se instala como plano de entendimento sensorial a partir de dados padrões de funcionalidade, em meio às heranças do mecanicismo moderno. Faz-se necessário enfatizar e tensionar tais heranças para que seja possível vislumbrar uma atualização nas teorias e práticas psis (Resende et al, 2017).

Esse tensionamento da ciência contemporânea abre espaço para uma heterogeneidade que não se estaciona no singular e impulsiona um olhar mais atento para a incongruência dos discursos dominantes construídos de forma sócio-histórica (Resende et al, 2017). No que se refere à Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), é perceptível a influência em alguns aspectos do paradigma moderno não apenas na escrita de Carl Rogers, mas também em espaços institucionais. No entanto, é importante destacar a evidente influência da virada afetiva, que também atravessou outras abordagens psicológicas do século passado. A busca pela legitimação de sentimentos e de relações interpessoais calorosas e humanas, além do questionamento e ruptura com lógicas de poder hierárquicas nas relações são aspectos que me instigam muito na ACP (Resende et al, 2017; Rogers, 2016; Kiffer, 2021). Diante disso, destaco as atitudes facilitadoras que foram ganhando novos contornos com o desenvolvimento da abordagem.

Segundo Tambara e Freire (1999), a aceitação tornou-se consideração positiva incondicional, a genuinidade virou congruência e a adoção de referencial interno do cliente se (re)organizou no termo compreensão empática. A partir das atualizações, a consideração positiva incondicional, em caráter não seletivo ou condicional, implicaria as atitudes calorosas, de acolhimento, tolerância, respeito e aceitação em relação a tudo o que a pessoa é, em suas possibilidades positivas ou negativas; a compreensão empática (e não diagnóstica) demandaria o centramento da relação no mundo perceptual do cliente, sem julgamento crítico ou confirmação intelectual teórica de rotulação e categorização; por fim, a congruência<sup>3</sup> consistiria em um estado de acordo entre o auto-conceito e as experiências organísmicas. Ainda que seja importante destacar tais atualizações teóricas, por se tratar de ciência e não dogma, acrescento a necessidade de as ideias de Carl Rogers continuarem sendo revisadas e apropriadas no Brasil com outros olhos e em articulação com discussões socioculturais na contemporaneidade (Rogers, 2016; Rogers & Kinget, 1977; Maia, 2022).

Diante disso, retomo a questão da corporeidade, mas agora especificamente em relação ao pensamento de Carl Rogers. Na minha busca por encontrar a compreensão do corpo para ACP, o conceito de organismo se destaca. Assim, para entender que corpo é esse, precisamos visitar a proposta de organismo que Rogers tanto se referiu. Seguem trechos do livro “Tornar-se Pessoa”, no qual Rogers (2016) expõe o referido termo sem tanto rigor em sua sistematização conceitual<sup>4</sup>, mas certamente atrelado a determinadas ideias sobre o intuito do processo psicoterapêutico na Abordagem Centrada na Pessoa:

---

<sup>3</sup> 1 Em meio às discussões da virada linguística, a linguagem passa a ser vista em caráter contextual, múltiplo e arbitrário, de modo que os ideais positivistas de neutralidade e objetividade nas ciências humanas e sociais passem a ser questionados. Nessa lógica, a ideia de um caminho unívoco entre auto-conceito (representação) e experiência organísmica como definição de congruência não se sustentaria da forma em que é proposta por Carl Rogers, enquanto essência. Quando consideramos as variadas formas de expressão artística, para além da comunicação verbal, essa discussão se complexifica ainda mais.

<sup>4</sup> Em toda a obra de Carl Rogers, vários conceitos são expostos como se carregassem em si um significado pronto e unívoco, o que dificulta a delimitação conceitual e a localização dos termos em meio a rede de articulação teórica da Abordagem Centrada na Pessoa.

(...) se pudermos acrescentar à experiência visceral e sensorial, que caracteriza todo o reino animal, o dom de uma tomada de consciência livre e não deformante da qual unicamente o ser humano parece ser integralmente capaz, teremos então um organismo, que é perfeita e construtivamente realista. Teremos então um organismo consciente das exigências da cultura como das suas próprias exigências fisiológicas de alimentação ou de satisfação sexual (...) um organismo capaz de alcançar, graças à notável capacidade integrativa do seu sistema nervoso central, um comportamento equilibrado, realista, valorizando-se a si mesmo e valorizando o outro (...) quando ele é plenamente homem, quando ele é um organismo integral, quando a consciência da sua experiência, esse atributo especificamente humano, funciona plenamente, pode-se ter então confiar nele, o seu comportamento é então construtivo. Nem sempre será convencional. Será individualizado. Mas será igualmente socializado (p. 69).

O primeiro aspecto que gostaria de destacar diz respeito a uma compreensão do homem<sup>5</sup>-pessoa-indivíduo enquanto portador de uma essência individualizada, autogerida, consciente, realista e livre, em devir. Segundo Carl Rogers (2016), o indivíduo alcançaria seu funcionamento pleno à medida em que se tornasse seu próprio organismo, sua própria experiência. Nessa lógica, as ideias de integralidade e totalidade organísmica estão vinculadas especialmente às dimensões fisiológicas e sensoriais, indicando rastros da herança psicofísica de uma corporeidade homogênea voltada para padrões de funcionalidade, ainda que em um formato

---

<sup>5</sup> É interessante, neste estudo, destacar o uso do termo “homem”, por parte de Rogers (2016, p. 112), para se referir a qualquer ser humano, assim como no seguinte trecho: “(...) não é a besta do homem. Apenas existe homem no homem, e foi este que conseguimos libertar.” Em meio aos estudos de gênero, fortemente atrelados à virada afetiva ou giro afetivo, Ana Kiffer (2021) aponta a frequente fusão de dois seres e a, conseqüente, dissolução do ser considerado mais fraco, passivo, submisso no ser mais forte. Esse ponto que aparentemente parece ser resolvido com uma simples alteração de palavras em toda a obra de Carl Rogers, apresenta-se como um aspecto bastante significativo na base de suas teorizações ao se considerar: de que pessoa é essa que Rogers tanto se refere com tamanha liberdade para ser si mesmo em uma cultura misógina, racista, heteronormativa? Natalie Rogers, sua filha, como mulher, fez questão de se posicionar em sua escrita acerca de questões de gênero (*Emerging Woman: A Decade of Midlife Transitions - 1980*, um dos livros pouco difundidos no Brasil quando comparado aos livros de seu pai).

individualizante (Resende, 2017). Acho importante destacar que o realismo constitutivo no ser humano para Rogers, é descrito posteriormente no livro como vinculado a um referencial interno (essencial e em devir) de avaliação de sua própria experiência. No entanto, a ideia de uma consciência perfeitamente capaz de compreender sem deformações uma realidade já dada é reforçada também pela ideia de a psicologia caminhar para “um corpo sólido e objetivo de conhecimentos sobre o comportamento e sentimento humanos”, sendo esta última apresentada em vários momentos do livro (Rogers, 2016, p. 371).

O termo *organismic* é muito freqüente em Rogers, quando este procura significar simultaneamente a realidade anímica e orgânica em interação com o meio ambiente. Nesse conceito se concentram os diversos aspectos que integram a totalidade biopsíquica do indivíduo (Rogers, 2016, p. 403).

O trecho supracitado diz respeito a uma nota dos tradutores Manuel Ferreira e Alvamar Lamparelli ao final do livro “Tornar-se Pessoa” (Rogers, 2016) que tem um grande valor neste estudo por trazer a realidade anímica, que (vindo do latim *anima* para se referir a alma, espírito), parece se referir à realidade psíquica, articulada à dimensão orgânica para interagir com o seu meio, reforçando a noção de um todo biopsíquico que interage com um meio cultural externo. Frente a divisão interno/externo vinculada à pessoa/cultura que permanece como fruto da herança cartesiana, torna-se necessário, neste estudo, algumas diferenciações conceituais com o intuito de legitimar um corpo que transborda seu aspecto orgânico. A compreensão de um organismo biopsíquico não se mostra suficiente aqui, pois se manifesta simultaneamente como contexto, cultura, sociedade, relação, história e política. Dito isso, ressalto que longe de apresentar um modelo mais verdadeiro do que Carl Rogers sobre a questão da corporeidade, busco aqui ampliar zonas de sentidos, encontrar prismas mais congruentes com transformações ético-políticas, frente aos desafios que a contemporaneidade tem demandado, com ênfase em um território brasileiro em 2024.

Em meio aos avanços abruptos do neoliberalismo, significativamente impulsionados pela pandemia mundial da COVID-19, os ideais de independência,

inovação e liberdade se mostram colados ao discurso hegemônico, facilmente encontrados em contextos publicitários e corporativos. Tais ideais, tão requeridos no trabalho e no lazer, longe da valorização de trocas afetivas e de conhecimento, aparecem emaranhadas a trocas comerciais que colam valor monetário à objetos, relações, pessoas, produções humanas, convertendo tudo em produto de consumo (Medeiros, 2021; Lima, 2017). O discurso da liberdade individual é cooptado pelo capitalismo e se volta para o ensejo de prazer a todo tempo e a qualquer custo descolado de qualquer compromisso com a responsabilidade coletiva (Tatit, 2023). Segundo Isabel Tatit (2023), enquanto a modernidade inaugura esses ideais individualistas e meritocráticos, a contemporaneidade os leva ao extremo para o isolamento, segregação e solidão, e suas consequentes precarizações. Emaranhado a esse contexto, as mesmas formas de sofrimento não cansam de aparecer na clínica com contornos, camadas e percepções diversas:

Avançamos quando dialogamos, por exemplo, com teorias de gênero, com estudos interseccionais e assim reconhecemos sofrimentos que são produzidos socialmente. Quem atende hoje e não é capaz de reconhecer que uma pessoa negra sofre por ser negra num país racista – ou que muitas questões trazidas por uma pessoa LGBTQIA+ respondem a uma sociedade preconceituosa – ficou para trás (Tatit, 2023, párr. 6).

Apesar de essas questões atravessarem a prática clínica, a insensibilidade a esses corpos persiste, reafirmando processos de desumanização e de opressão vinculados a um igualitarismo radical. As categorias interseccionais (gênero, raça/etnia, orientação sexual, classe social, condição de pessoa com deficiência, entre outras) se interrelacionam e operam na (re)produção de desigualdade social e, portanto, na forma como cada corpo experiencia sua vida. E justamente na invisibilização e naturalização desses processos de desumanização se apoia a manutenção das violências cotidianas (Maia, 2022). Segundo Rios et al (2019) a

questão da interseccionalidade<sup>6</sup>, em seu marco crítico teórico e empírico nas ciências humanas e sociais, apresenta-se como um fator incontornável em relação à produção de conhecimentos na contemporaneidade.

Atrelado aos estudos interseccionais, temos um modelo de sociedade colonial no Brasil centrado em modos de ser e viver característicos do norte global. Completamente imersas/os nas teias simbólicas e concretas da estrutura colonial busca-se fórmulas de bem-viver (ou de sobrevivência) centrada em perspectivas europeias e estadunidenses<sup>7</sup> de modo a reconfigurar os moldes do colonialismo (Maia, 2022). Em meio às violências e apagamentos sentidos na pele, somos socializadas/os a partir do discurso opressor e perpetuamos com a maior facilidade e naturalidade tais violências e apagamentos nas relações. Adotamos, nos mais minuciosos detalhes da existência<sup>8</sup>, tais verdades que passam a ser nossas também. Assim, destaco, como Marina Maia (2022), a necessidade de um olhar mais atento ao que nos atravessa enquanto pessoa no mundo, sendo o corpo visto, sentido, percebido, compreendido como contexto. A descontextualização como característica de uma lógica colonial implica o silenciamento e adoecimento de diversos corpos, que não dependem apenas de si e sua essência interna para uma vida mais saudável.

Dessa forma, a atenção às narrativas do corpo se faz necessária na psicologia, na medida em que possibilita “reposicionamentos para criar um corpo-território-contra-hegemônico, oportunizando a reinvenção de concepções de vida e de mundo” (Maia, 2022, p. 9). Um corpo-território reivindica seu direito à existência, a partir de si, do seu contexto e da diversidade que seu contexto implica. Nesse

---

<sup>6</sup> Segundo Flávia Rios, Olívia Perez e Arlene Ricoldi (2019), professoras e doutoras em sociologia e ciências políticas, o termo “Interseccional”, traduzido da socióloga francesa e feminista negra Kimberlé Crenshaw (2002 apud Rios et al, 2019), surgiu como tensionamento de um feminismo eurocêntrico de classe média que negligenciava a experiência de mulheres negras, tornando-se um conceito cada vez mais expressivo nas produções acadêmicas e discussões políticas contemporâneas.

<sup>7</sup> e, acrescento, estadunidenses, em vista de sua expansão e dominação cultural, desde o final da Segunda Guerra Mundial.

<sup>8</sup> Afinal, neste instante, escrevo em Língua Portuguesa (e não produzindo conhecimento a partir de outra língua de um dos diversos povos dizimados no Brasil), escrevo acerca da abordagem de Carl Rogers, teoria de um homem branco estadunidense do século passado que mobiliza mais a produção de conhecimento no Brasil em Psicologia do que qualquer teoria de outra/o psicóloga/o brasileira/o. A psicologia, insistente em projetos individuais de libertação, carece de projetos coletivos de transformação.

ponto, os não-ditos que sustentam a lógica colonial, clamam por expressão, pois denunciam os jogos de poder dos discursos que passam despercebidos no cotidiano e viabilizam a emergência de outras saídas, outras formas de ser e estar no mundo (Maia, 2022; Lima, 2017). Em meio ao reconhecimento de tantos não-ditos na obra de Carl Rogers, resta a nós reviver a teoria, colocá-la em roda e em movimento, junto com outros diversos corpos para dialogar e encontrar em conjunto novas formas de se expressar, para além do professor detentor do saber na frente da sala de aula transferindo verdades ou do cientista observando de fora e de forma objetiva aquelas outras pessoas 'iguais'. Enfim, as consciências (individuais) reflexiva, sensorial e fisiológica de um organismo não se mostram suficientes aqui (Resende, 2017). Faz-se necessária a consciência de um corpo que é também contexto e território e, portanto, cultural e político.

### **ARTE E TERAPIA**

Dou início a este tópico com uma das designações etimológicas da palavra arte destacadas por Giuliana Bilbao e Vera Cury (2006, p. 92): *Ars*, de matriz latina, como “raiz do verbo articular, denotando a ação de fazer juntas entre as partes de um todo”. Em busca de um fazer articulado, resalto as diversas miudezas emaranhadas de um incessante expressar que, longe de serem irrelevantes, anunciam o todo. É como se a arte, ao prescindir de uma presença em nós mesmas/os na experiência, convidasse a sentir o quão integrados estão formaconteúdo, fazerconhecer, razãoemoção, corpomente, pessoacultura. É necessário reconhecer aqui que, antes de qualquer saber psi ou de qualquer ciência empírica, a arte já emergia na experiência em diversas formas de expressão, desde o início da humanidade<sup>9</sup>, consistindo em uma das mais importantes invenções que viabilizaram simultaneamente expressões pessoais e coletivas (Lopes, 2020). Tal como Resende et al (2017, p. 92) afirmam: “é próprio da arte, criar caminhos para

---

<sup>9</sup> Considerando que desde o período pré-histórico, a “arte rupestre era usada para gravar fatos marcantes da existência nas paredes das cavernas” (Lopes, 2020, p. 8).

encontrar, identificar, lapidar, expressar as intensidades afetivas que possam ser compartilhadas no plano coletivo das forças”.

Assim, destaco a Arte e a Psicologia enquanto campos distintos, com um fazersaber próprio de cada uma, mas que podem se articular e se potencializar ao mergulharem juntas na busca por novas dinâmicas de vitalidade. Pontuo a indignação que emergiu com o olhar para a Arte como uma simples ferramenta prática na clínica, analisada em um prisma terapêutico a partir de saberes psi e sendo desconsideradas as valiosas contribuições que esse campo encarnado de estudo tem a agregar. A partir desse incômodo, não pretendo colar o fazer artístico a um virtuosismo técnico ou a um conhecimento fechado à academia, mas sim legitimar um enlace entre fazer e conhecer que não se encontra separado da própria forma criada ou apreciada (Pareyson, 1966, apud Bilbao; Cury, 2006). Outro aspecto que me ampara nessa escrita diz respeito à errância requerida no processo de criação, como André Lepecki (2016) ressalta, compreendida como um extraviar-se no próprio fazer, entregando-se sem bússola à experiência. Desse modo, a arte em seus infintos caminhos, atravessamentos e dimensões deve ser vista aqui mais do que um recurso criativo para chegar à plenitude, mas deve ser assumida a partir de suas múltiplas potências em devir.

Já expostas algumas considerações basilares para as seguintes discussões, apresento a Arteterapia enquanto uma área que carece de estudos, principalmente no que diz respeito aos seus diálogos com a ACP no Brasil. Logo, utilizo também a contribuição reflexiva de outras abordagens psicológicas. Conforme a Associação Brasileira de Arteterapia, trata-se de um campo profissional de atuação que dispõe da “linguagem artística como base da comunicação cliente-profissional. Sua essência é a criação estética e a elaboração artística em prol da saúde” (Reis, 2014, p. 143). Alice Reis (2014), ao investigar o contexto em que a arteterapia surge e seu desenvolvimento no Brasil a partir das abordagens psicanalítica, junguiana e gestáltica, enfatiza o compartilhamento de uma concepção estética do ser humano como ser capaz de recriar-se ao experimentar novas formas de expressão na relação consigo, com o outro e com o mundo. Vinculada a um compromisso ético,

a experiência estética implica o contato com o impensado, com a diferença e com a alteridade que extrapola o cotidiano e os automatismos e convida à experimentação e à descoberta de novos sentidos. Contribui, dessa forma, para que as pessoas se revelem não apenas como atores sociais, mas também como integrantes criadores da sociedade.

Em outro estudo, Giuliana Bilbao e Vera Cury (2006), ao investigarem a vivência de artistas na relação com sua arte, por meio do método fenomenológico e da articulação com diferentes abordagens psicológicas, apontam para a potência do processo criativo como caminho para o autoconhecimento, para a mobilização de valores e afetos e para a transformação da realidade cotidiana. Ao encorajar a experimentação, a criação artística poderia: convidar ao prazer da exploração espontânea do novo; ser um caminho seguro para encarar o medo e o sofrimento em um mundo visto como hostil; ser meio de transformação social e de intensificação da vida. Na medida em que se identifica na pesquisa movimentos adaptativos e prazerosos, Bilbao e Cury (2006) relacionam tais relatos com as ideias de Carl Rogers (1999, apud Bilbao; Cury, 2006) sobre a tendência atualizante, a congruência e a abertura à experiência por parte de indivíduos criativos, sem se demorarem em definições conceituais em vista de várias outras abordagens trabalhadas no artigo. Além disso, destacam o caos por meio do qual surge o novo, o mergulho no desconhecido do próprio fazer e um movimento de desfocalização do eu e de maior consideração com o outro, revelando também um aspecto ético e uma preocupação social.

Aprofundando as discussões na ACP na relação com a Ludoterapia, Raíssa Guedes e Juliana Lopes (2021) investigam os impactos psicológicos na utilização de recursos expressivos/criativos a partir do relato de experiência de uma adolescente de 16 anos encaminhada à Defensoria Pública para apoio psicossocial. Segundo as autoras, a ampliação de possibilidades expressivas ofereceu caminhos mais potentes, congruentes e transformadores para que a adolescente (nome fictício, Angel) entrasse em contato com seus conteúdos internos, para além da oralidade. A Expressão Criativa se revelou enquanto meio de simbolização de

dores, de construção de sentidos, de ressignificação de experiências. A partir das teorizações de Carl Rogers (2009, apud Guedes & Lopes, 2021), a criatividade se mostrou como afirmação da tendência atualizante, compreendida enquanto força inerente de qualquer organismo vivo em direção ao crescimento e à saúde. Dessa forma, ao se abrir para a experimentação, ao escolher livremente lidar com conteúdos internos anteriormente negados rigidamente à consciência, a pessoa se tornaria criativa.

Além dos recursos arteterapêuticos, outro aspecto importante no artigo foi a postura calorosa, flexível e compreensiva e a escuta sensível e interessada por parte da terapeuta que viabilizou sentimentos de liberdade e autonomia por parte da adolescente, imersa em diversos contextos institucionais violentos e estigmatizantes. Nesse ponto, as atitudes facilitadoras da ACP se apresentaram como base da relação para auxiliar a adolescente em seu processo: “a empatia como a arte de não saber; a consideração positiva incondicional como a capacidade de resposta reflexiva; a autenticidade como abertura e transparência” (Guedes & Lopes, 2021, p. 10). Assim, como o foco da relação estava na adolescente e não nos problemas/rótulos que apontavam a respeito dela, ela escolhia naquele espaço o melhor caminho expressivo que representasse suas necessidades no momento, ao mesmo passo em que se tornava capaz de realizar escolhas mais satisfatórias e mais saudáveis para si em outros contextos de sua vida (Rogers, 2009, apud Guedes & Lopes, 2021). Enfim, frente aos relatos de agradecimento de Angel acerca de sua experiência na Defensoria, as autoras apontam:

Acima de teorias, conceitos, técnicas ou intervenções psicológicas, essa fala enfatiza a importância de nós, enquanto seres humanos, estabelecermos relações afetivas, compreensivas e com trocas significativas como condições existenciais necessárias. As relações humanas nos dão possibilidades de abertura às novas formas de compreensão do mundo e de si, nos permitindo um novo olhar a cada experiência relacional. Como exposto por Angel em sua busca por ressignificar relações já previamente constituídas: “Ir na

defensoria pra mim já não era mais um peso, era o que fazia minha semana valer (Guedes & Lopes, 2021, p.19).

Em meio às articulações entre ACP e arte, destaca-se aqui a Terapia Expressiva Centrada na Pessoa, desenvolvida em 1974 por Natalie Rogers, com colaboração de outros cinco psicólogos e de seu pai, Carl Rogers. Trata-se de um tipo de terapia que associa a expressão criativa por meio de formas artísticas diversas, ao processo psicoterápico, a partir dos princípios da Abordagem Centrada na Pessoa. Um ponto importante consiste na ênfase dada à exploração da criatividade por meio da integração entre corpo, mente, emoção e espírito, sendo destacado por Natalie como ponto distinto das teorizações de Carl Rogers, cujas práticas tendiam a incentivar comportamentos mais verbais e racionais, ainda que imersos em uma atmosfera terapêutica calorosa e respeitosa (Lopes, 2020). No livro “Conexão Criativa” (1993), Natalie descreve e reflete sobre algumas experiências na Terapia Expressiva Centrada na Pessoa, pontuando a dificuldade de definir por meio da linearidade das palavras um intenso processo que precisa ser vivenciado para ser entendido. Ainda assim, explica:

Posso lhes falar um pouco sobre o que isto é. Não é brincar, não é teatro, não é realmente uma improvisação, dança ou mímica. Não é arte terapia, não é diário escrito, não é trabalho de corpo, não é estimulação sensorial, e ainda (a esta é uma parte importante) é tudo isso junto. “Jared<sup>10</sup> e eu somos treinados em todas estas áreas e já vivenciamos tudo isso, tanto como participantes, quanto como professores. Mas o que me empolga é exatamente integrar todas estas áreas e verificar que esta soma é mais do que qualquer um destes métodos em separado (Rogers, 1993, p.4).

Em meio à articulação de diversas possibilidades expressivas, Natalie entendia que uma manifestação artística nutria e estimulava outra forma de expressão, de modo que novos sentidos iam surgindo, entrelaçando e aprofundando. Essa integração e aprofundamento entre diferentes formas de

---

<sup>10</sup> Jared Kass foi um dos psicólogos colaboradores para o desenvolvimento da Terapia Expressiva Centrada na Pessoa.

expressão em direção à cura interna foi denominado de processo de Conexão Criativa<sup>11</sup>. Em processo grupal, Natalie se utilizava de sugestões e de experiências estruturadas flexíveis para direcionamento do processo e de regras para assegurar a liberdade e a segurança emocional e física de todas/os, acreditando em outras formas de se centrar na pessoa, para além da forma descrita por seu pai. A arte era entendida como linguagem potente entre cliente e terapeuta. No entanto, Natalie era contra o modelo médico de análise ou interpretação, assim como seu pai, e via a arte como meio de compreender melhor o mundo de cada pessoa, ao compartilhar sua expressão com o grupo (Rogers, 1993; Rogers, 2003; Lopes, 2020).

Para Natalie, o que é criativo geralmente está vinculado a uma potência terapêutica. Porém, ainda que a criatividade seja destacada em muitos momentos enquanto caminho para níveis mais elevados de conscientização, a criatividade não é vista necessariamente como positiva, na medida em que pode ser usada, por exemplo, para criação de novas formas de matar ou torturar. Dessa forma, faz-se necessário um ambiente orientado, onde raiva e dor possam ser expressados de forma segura, permitindo que o indivíduo se abra para o “espírito universal”, caracterizado como amável e bom (Rogers, 1993, p. 63). Segundo Natalie (1993), uma terapeuta expressiva deveria auxiliar as pessoas a desenvolverem o hemisfério direito do cérebro, que estaria ligado à intuição, emoção, imaginação, fantasia. Diante dessas concepções, pretende-se facilitar no processo terapêutico grupal um clima seguro e acolhedor, de modo que as pessoas se sintam confortáveis para experienciar a si mesmas e aos outros participantes de forma significativa, explorando habilidades intuitivas, criativas e expressivas e desenvolvendo consciência de grupo, a partir de uma integração mente, corpo, emoção e espírito.

---

<sup>11</sup> Dialogando com o conceito “Conexão Criativa” e com o contexto de criação da Terapia Expressiva Centrada na Pessoa, vemos no campo das artes contemporâneas uma ampliação de práticas e formas de expressão desde o final da década de 70 que, em seu incessante articular, desfigurar, configurar, começa a borrar as fronteiras entre diferentes campos artísticos e seus modos de fazer-saber. Assim, Rosalind Krauss (1984, apud Lima, 2017), crítica e historiadora de arte estadunidense, cria o termo “campo expandido” para dar contorno à proposições que transbordam os limites entre linguagens e práticas artísticas para além dos sentidos e formas habituais, criando uma teia de sentidos que extrapolam categorias enquanto campo cultural pré-definido (Lima, 2017).

Ao ser questionada em uma entrevista, em 2003, sobre as divergências e aproximações de perspectivas entre ela e Carl Rogers, Natalie responde:

Minha imagem é a de uma grande árvore. As crenças de Carl, sua investigação profunda, suas habilidades mais intensas, são as raízes da minha árvore. O tronco da árvore é como uma mulher que contempla a vida de uma perspectiva mente/corpo distinta. Os ramos são as artes de expressão centradas na pessoa: uma integração da emoção e espírito mente/corpo (Rogers, 2003, p. 4).

Nesse trecho, vemos a filosofia centrada na pessoa sustentando as atitudes calorosas e compreensivas da/o terapeuta, como base para o crescimento humano; o corpo emerge mais implicado com o contexto social; e as artes como expressão integrada. Apesar de a Terapia Expressiva Centrada na Pessoa ter fundamentação na Abordagem Centrada na Pessoa, há o destaque de uma perspectiva mente/corpo distinta e implicada com as vivências de uma mulher em um contexto político e social atravessado por discussões feministas. Diante disso, Natalie destaca que as teorias de crescimento pessoal na psicologia se desenvolveram em desacordo com as crenças, necessidades e valores de seu tempo:

As mulheres têm sentido a humilhação e a degradação de serem cidadãos de segunda classe. Como se sabe, durante muitos anos nos Estados Unidos não podíamos votar, não podíamos ter propriedades e éramos criadas para servir aos nossos companheiros masculinos. As mulheres de todo o mundo sentiram esta larga história de repressão e abuso. Apesar de ter nascido em uma família amorosa de profissionais brancos de classe média, esperava-se de mim que atuasse no papel de uma mulher tradicional – muito diferente das expectativas que se tinha para meu irmão. Porém, certamente vejo o mundo de uma maneira diferente. Uma missão em minha vida é devolver o poder à mulher através do processo criativo. No entanto, vejo as decisões que se tomam no mundo, principalmente pelo homem branco, e fico perturbada e enojada com as políticas agressivas que predominam. As artes são atropeladas e marginalizadas, o que é trágico porque a arte é uma forma

vital de comunicação. Provém da nossa essência interior. Fala através das culturas. É pessoal e universal (Rogers, 2003, p. 6).

Enfim, ainda que muitas lacunas e impasses apareçam nas discussões deste tópico, afirmando, tensionando ou negando a herança dualista e cientificista, fica evidente o quanto o fazer artístico nos convida a um olhar atento para com o corpo, suas relações e cultura. Do mesmo modo, uma percepção implicada e contextualizada do corpo exige um olhar mais atento para sociedade. Ressalto que a experimentação artística parece inaugurar um universo perceptivo por meio do qual se desfiguram e reconfiguram relações em um constante vir-a-ser, viabilizando uma recriação (po)ética de si no mundo. Frente às discussões apresentadas, o exercício da criatividade se destacou como ponto recorrente de investigação vinculada a um potencial terapêutico, sendo destacado também a qualidade do ambiente e das relações que atravessavam esse fazer artístico como potencializadores ou não dessa expressão. Por fim, em meio ao reconhecimento da invisibilização e apagamento de algumas partes do todo, procuro, no tópico seguinte, ressaltar o corpo, enfatizar a forma e relembrar a cultura nela expressa.

### **ARTICULAÇÕES: CORPO-ARTE-ACP**

Instigada por minhas experiências enquanto psicóloga clínica, apresento algumas reflexões acerca da articulação entre as temáticas Corpo-Arte-ACP. Desde o modo de escutar até as palavras que surgem durante os atendimentos, é inegável a presença do meu corpo, que busca se despir em vulnerabilidade e curiosidade, ao entrar em contato com o universo perceptual de outras pessoas. Aqui, a heterogeneidade entre esses mundos e a abertura para o desconhecido precisa ser considerada. Saio dos encontros ora emocionada, esperançosa, encantada, ora frustrada, indignada, exausta, mas sempre intensamente transformada. Ainda assim, enfatizo que a angústia de ver outros corpos lutando e gritando em um silenciamento social ensurdecido não deixa de me acompanhar nos atendimentos. Desse modo, insisto na potência de um olhar mais atencioso e demorado para com os corpos, formas e contextos.

Para remendar corpo e arte, revisito as heranças platônicas do pensamento moderno que embasaram a ciência do psiquismo, insistindo na busca por uma verdade perfeita, universal e eterna. No pensamento dualista de Platão, havia o Mundo das ideias, abrigando a realidade abstrata e racional que permitia o acesso à essência das coisas; e o mundo sensível, referindo-se a uma realidade experiencial inferior e enganosa. Daí, além da divisão alma/corpo (posteriormente mente/corpo, reformulada com Descartes), a teoria da mimesis de Platão colocaria o artista como simples e inútil imitador do verdadeiro Demiurgo<sup>12</sup>, manipulando as experiências através das sensações e oferecendo perspectivas ilusórias sobre a realidade. Na mesma lógica em que o corpo era visto como um invólucro descartável para a alma, a arte era apenas uma imitação enganosa que afastava o ser humano da verdade essencial das coisas (Medeiros, 2021, Borges, 2009).

Em relação a essas primeiras elaborações sobre corpo e arte, gostaria de sublinhar algumas familiaridades com as formulações de Carl Rogers (1961-2016) no que se refere à dicotomia basilar mente/corpo<sup>13</sup> e às ideias racionalistas em busca de uma apreensão verdadeira, essencial, objetiva, socializada e não deformante da realidade, tão característica dos projetos científicos da modernidade. Frente a essas discussões, as teorizações de Carl Rogers mostram rastros tanto do paradigma científico moderno de Descartes quanto a sua intensa imersão e contato com a teologia cristã monoteísta em sua formação. Por outro lado, algumas rupturas com essa lógica se mostram imprescindíveis aqui. Ainda que seja possível perceber a sustentação do dualismo mente/corpo, é evidente a ênfase dada à experiência sensível enquanto forma de entendimento da realidade e não enquanto obstáculo

---

<sup>12</sup> Verdadeiro e perfeito criador em um mundo ideal onde somente há beleza e ordem (Medeiros, 2021).

<sup>13</sup> Segundo David Borges (2009), é comum se ocultar as fundamentações de Descartes em autores renascentistas (Copérnico, Galileu e Kepler), na tradição neoplatônica de Santo Agostinho e sua base cristã. Ainda que a formulação dos dualismos mente/corpo de Descartes e Platão contenham diferenças, ambos partem da afirmação de que nós seríamos mente ou alma incorpórea que se une ao corpo físico, que consistiria em uma prisão ou autômato, configurando-se como um obstáculo para o entendimento racional da realidade. Nesse ponto, o platonismo, apesar de suas diferenças com o cristianismo, acabou se tornando, com certas adaptações, uma ferramenta para disseminá-lo. Assim, Bento Santos (2003) afirma a legitimidade do termo "platonismo cristão", por indicar o desenvolvimento da teologia cristã vinculado às formulações platônicas e neoplatônicas, que impregnaram o pensamento moderno.

como no caso de Descartes, do cristianismo e de Platão (Rogers, 2016; Medeiros, 2021; Borges, 2009; Santos, 2003).

A partir da valorização de uma experiência sensível em direção a um todo individual, homogeneizante e construtivo, Carl Rogers compreende artistas e poetas como pessoas que exprimem sua singularidade e essência por meio do ato criativo, expressam um sentimento que, quando compartilhado, conectaria-se com o que há de mais profundo no outro. Assim, aponta que o que há de mais único corresponderia ao que há de mais geral (Rogers, 2016).

Retomo a noção platônica de inutilidade da arte, do artista e de sua obra sustentando-se até hoje no pensamento Ocidental. No entanto, em inúmeras nuances e reconfigurações na história, esse pensamento foi tensionado por diferentes áreas do saber buscando vincular a arte a utilidades histórica, social, pedagógica, religiosa, terapêutica, entre outras; até que a Arte enquanto campo passa a reivindicar o direito de um olhar para si, não em busca de uma garantia de utilidade, mas em busca do reconhecimento de múltiplas potências de afirmação da vida em sua própria existência e não para além dela (Medeiros, 2021).

Diante disso, é relevante destacar que não busco aqui aliar a experiência artística a uma investigação sobre como a ACP pode explorar o valor terapêutico da arte enquanto recurso para o indivíduo chegar a um funcionamento pleno e socializado. Pretendo problematizar tal discurso, na medida em que é justamente por meio da distinção entre o que é considerado útil e inútil ou entre o evoluído e o primitivo, que o colonialismo perpetua seu discurso monocultural, exterminando, há séculos, línguas, saberes e expressões culturais, em prol do lucro e da dominação (Medeiros, 2021).

Frente a esse adendo, acrescento a hipótese de relacionarmos a ideia de a arte expressar o reconhecimento de múltiplas potências de afirmação da vida à tendência à atualização elaborada por Carl Rogers, na medida em que diz respeito ao desenvolvimento máximo possível de um indivíduo (ou qualquer ser vivo) perante as possibilidades e limites que o meio externo oferece (Rogers & Kinget, 1977). No entanto, essa concepção desenvolvimentista, ainda que considere a interferência

do meio externo, separa-o do “organismo psicofísico” com sua potência interna e essencial (Rogers, 2016). Assim, os dualismos platônicos-cristãos-cartesianos se mostram novamente estruturantes nas formulações. Diante disso, apresento a fala de Nego Bispo (2015), ativista político no movimento social quilombola<sup>14</sup>, que relaciona a cosmovisão de um povo com a construção de seus modos de viver e sentir a vida:

O povo eurocristão monoteísta, por ter um Deus onipotente, onisciente e onipresente, portanto único, inatingível, desterritorializado, acima de tudo e de todos, tende a se organizar de maneira exclusivista, vertical e/ou linear. Isso pelo fato de ao tentarem ver o seu Deus, olharem apenas em uma única direção. Por esse Deus ser masculino, também tendem a desenvolver sociedades mais homogêneas e patriarcais. Como acreditam em um Deus que não pode ser visto materialmente, se apegam muito em monismos objetivos e abstratos. Quanto aos povos pagãos politeístas que cultuam várias deusas e deuses pluripotentes, pluricientes e pluripresentes, materializados através dos elementos da natureza que formam o universo, é dizer, por terem deusas e deuses territorializados, tendem a se organizar de forma circular e/ou horizontal, porque conseguem olhar para as suas deusas e deuses em todas as direções. Por terem deusas e deuses tendem a construir comunidades heterogêneas, onde o matriarcado e/ou patriarcado se desenvolvem de acordo com os contextos históricos. Por verem as suas deusas e deuses através dos elementos da natureza como, por exemplo, a água, a terra, o fogo e o ar e outros elementos que formam o universo, apegam-se à plurismos subjetivos e concretos (Santos, 2015, p. 38 e 39).

Esta outra perspectiva, não-linear e não-homogeneizante, mostra-se importante ao considerarmos a organização dos diversos corpos pautada em um

---

<sup>14</sup> Antônio Bispo dos Santos (1959 a 2023) foi poeta, filósofo, escritor e ativista político e morador da comunidade Quilombo Saco-Curtume, no Piauí. Criou o termo contra-colonialismo para se referir aos processos de enfrentamento de comunidades, raças e etnias em seu movimento de resistência. Ele propõe diferenciações e críticas em relação aos estudos decoloniais.

sistema colonial, neoliberal e, conseqüentemente, desenvolvimentista, desterritorializado e hierárquico. A insistência em um organismo psicofísico individual e essencial nas teorizações em ACP aponta a necessidade de contextualização dos saberes teórico-práticos no diálogo com problematizações da contemporaneidade (Rogers, 2016; Maia, 2022). Canso de ver em minhas experiências clínicas o singular clamando pelo coletivo, e estes dois não cabem mais em teorias que os contemplem por meio de lentes homogeneizantes. Do mesmo modo, um olhar para a diversidade dos corpos exige uma atenção para as culturas, não enquanto estruturas externas, mas como mútuos potencializadores e limitantes se atravessando e cocriando modos de ser e de viver (Maia, 2022). Retomo a ideia de a arte expressar uma multiplicidade de sentidos em devir, que para além de serem categorizados como positivos ou negativos/ socializados ou irracionais, inauguram perspectivas na relação consigo, com o outro e com o mundo, expondo o corpo, a matéria e a cultura, em suas movimentações singulares e coletivas (Reis, 2014; Bilbao & Cury, 2006; Borges, 2019). Ainda assim, o corpo expõe na pele as meticulosas violências e degradações desse sistema, em seus excessos e silenciamentos. Desta forma, percebo que as implicações poéticas e políticas da Arte aliadas a uma corporeidade contextualizada e plural oferecem caminhos férteis para repensarmos a ACP nos dias de hoje.

Frente a essas discussões, Natalie Rogers desenvolveu a Terapia Expressiva Centrada na Pessoa, partindo do entendimento de que era possível centrar-se na pessoa a partir de outras formas para além da descrita por seu pai. Inclusive, ressalta o desejo de Carl de que as pessoas valessem de seus aprendizados em ACP para irem adiante (Rogers, 2003). Resgato essa ideia referindo-me, não a uma tentativa de me aproximar mais da verdade, mas sim à minha esperança por uma ampliação de perspectivas mais congruentes com os desafios contemporâneos no Brasil. Preciso aqui reforçar o caráter crítico e inovador das teorizações de Carl Rogers em relação à sua época no sentido de: compreender as relações terapêuticas enquanto processos vitais e não avaliativos ou normativos; incentivar atitudes calorosas e respeitadas por parte do/a terapeuta, ao invés de se

portar como uma tábula rasa; tensionar fronteiras entre o processo psicoterápico e a vida cotidiana; propor certas rupturas e reflexões com relação à imposições e autoritarismos (Rogers, 2016; Rogers & Kinget, 1977).

As contribuições de Natalie Rogers também se mostram relevantes aqui, na medida em que começam a reivindicar uma nova perspectiva acerca da corporeidade, diferente de seu pai. Natalie propõe um olhar integrado entre corporeamente e um cuidado maior para a questão do contexto social, ao perceber a pessoa como centro do processo, ainda utilizando atitudes facilitadoras da ACP como base de sua atuação. É marcante o enlace entre discussões feministas de sua época e sua experiência como mulher terapeuta. Nos processos grupais em Terapia Expressiva Centrada na Pessoa, há uma preocupação acerca da postura implicada da/o terapeuta na construção de um ambiente capaz de garantir a segurança física e emocional das pessoas envolvidas, sendo mais coerente em sua atuação o uso de sugestões flexíveis e regras para auxiliar na construção de um espaço de liberdade para todas/os. A importância dada às dimensões intuitiva, criativa e emocional aparecem aliadas à integração de escrita/poesia, movimento/dança, sons/música, artes visuais (pintura, argila ou colagem), entre outros. Por fim, resgato a noção de “Conexão Criativa”, desenvolvida por Natalie Rogers para se referir à integração e ao aprofundamento entre diferentes formas de expressão em direção à cura pessoal (Rogers 1993; Rogers 2003).

Somada às contribuições de Carl Rogers destacadas no início deste item, a visão de Natalie (1993; 2003) acrescenta, neste estudo: (i) a busca por romper com o dualismo mente/corpo nas teorizações de seu pai; (ii) a maior ênfase dada ao contexto social das pessoas envolvidas no processo, aliada à discussões feministas de sua época; e (iii) o reconhecimento da arte como método em seu trabalho, abrindo-se para variadas potências de investigação e de experimentação da arte<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Natalie Rogers (1993) aponta a intensa influência de Anna Halprin, performer e artista estadunidense, em seu trabalho. É interessante pontuar aqui que Anna Halprin foi uma figura importante no cenário da dança pós-moderna, incentivando a pluralidade e a diferença dos corpos em um espaço coletivo de partilha, investigando uma potência terapêutica dos processos criativos e contrariando a noção de regras universais ao incentivar a descoberta e o imprevisto (Berselli & Soldara, 2022).

Ainda que estes aspectos se mostrem extremamente ricos aqui para se pensar as relações entre Arte-Corpo-ACP, percebo a possibilidade de ampliação das discussões no cenário atual, na medida em que as viradas afetivas, linguísticas, decoloniais nas ciências humanas e sociais, somadas à estudos inter e transdisciplinares, oferecem outras perspectivas extremamente férteis para a reconstrução de corpos e sociedades mais implicados com um cuidado ético e político nas construções de saber e fazer.

### **CONCLUSÕES**

Carl Rogers, em sua obra, enfatiza a abertura para o diálogo e para novas construções e teorizações em ACP, nutrindo um movimento, em parte, contracultural no que se refere ao questionamento de relações hierárquicas, impositivas, autoritárias e disciplinares. Seu posicionamento em seu contexto foi inovador e importante no campo da Psicologia. Afirmando o mesmo no que se refere às atualizações na teoria e prática de Natalie Rogers, que apenas uma geração depois ofereceu outras perspectivas, discussões e reflexões enriquecedoras. A influência e contribuições dessas duas figuras certamente não devem ser abandonadas ou invisibilizadas no cenário dos saberes psis. No entanto, frente aos desafios que a atuação da Psicologia demanda em um outro território e tempo, no qual tantos outros saberes lutam para coexistir, diversas outras atualizações se mostram importantes. Quando falamos em conhecimento científico e não dogmático, a ampliação de perspectivas e a contextualização dos saberes precisa ser considerada. Assim, reforço a necessidade de questionarmos as relações de poder em 2024 no Brasil, com olhares éticos e políticos mais implicados com o nosso viver. Assim, reforço que a Psicologia, ainda restrita a projetos individuais de libertação, tem muito a ganhar ao se engajar em projetos coletivos de transformação, aliados às viradas afetiva, linguística e decolonial.

Quando vemos tantas pessoas andando em uma linha tênue entre a vida e a morte pelo simples fato de serem si mesmas, fica difícil de engolir ideais de igualdade, liberdade e de poder pessoal desvinculados de uma dimensão coletiva. Afinal, quantos corpos pagam todo o dia com suas vidas por existirem em uma sociedade misógina, racista, meritocrática, heteronormativa, etc. Somada a aspectos interseccionais, quando o direito à vida migra para o âmbito comercial, a produção atroz de novos modos de exclusão torna luxo o acesso a redes de afeto e de sentido, as possibilidades de escolhas, o uso do espaço público, a moradia, a alimentação, etc (Rios et al, 2019; Lima, 2017). Encontro diariamente corpos à margem, lutando para se contorcer e caber na máquina de exploração e de consumo e, tal como enfatiza Elizabeth Lima (2017, p. 84), é no “agenciamento de resistência e de fuga” que se torna possível reinventar saídas, figurar libertações. A arte aparece aí, nas brechas do desencanto, vislumbrando modos de (re)existência e expondo corpos, cujas vozes parecem não importar.

Parto da raiva, da tristeza, da indignação, da frustração, da impotência e tais sentimentos, longe de serem considerados negativos, inferiores ou menos socializados, mobilizam minha escrita em direção à esperança de transformação, ao projeto de invenção de um novo chão, à construção coletiva de novos modos de existir na sociedade. Aponto a arte aqui, não como cura, alcance de uma essência universal e boa, calmaria, suspensão de sentimentos negativos ou alternativa socializada de expressão. Não! A arte na contemporaneidade reivindica um outro olhar, pois em ato, movimento, matéria e partilha, revela corpos em seus processos vitais, sensíveis, criativos, singulares, relacionais, plurais, heterogêneos, históricos, contextuais e culturais. Comprometida com a processualidade de um fazersaber poético, a arte emerge em seu posicionamento político, afirmando a diversidade e expondo os não-ditos que alimentam o sistema colonial e neoliberal. Por fim, enfatizo que a Arte nos convida a uma nova percepção da cultura; e os corpos, na linha tênue entre vida e morte, clamam por um novo olhar para a sociedade.

Dito isso, surgem muito mais perguntas do que certezas sobre as relações entre corpo, Arte e ACP: ¿De que forma a consideração de aspectos socioculturais emaranhados a processos de subjetivação iria impactar na compreensão da tendência à atualização? Ao falar em liberdade de ser si mesmo, vislumbro: como articular potência ao ato, liberdade à responsabilidade coletiva em uma lógica plural e não-colonial? De que afetos e sentimentos estamos falando se estes permanecem descolados do corpo em suas dimensões socioculturais? Como seria atualizar as atitudes facilitadoras a partir de uma nova perspectiva acerca da corporeidade? Quais os limites da compreensão empática e da consideração positiva incondicional, em cenários extremamente desiguais? Qual a potência de entender uma conexão que parte da aceitação do heterogêneo e não do comum? Que definição de congruência é essa que implica um caminho unívoco entre auto-conceito (representação) e as experiências organísmicas, desconsiderando a linguagem em seu caráter arbitrário, múltiplo e contextual? Como a arte em sua multiplicidade de fatores culturais, não lineares e unívocos poderia caber nessa definição de congruência? Enfim, o quão potente seria se a Arte, enquanto campo encarnado, mergulhasse junto da ACP em busca de novas dinâmicas de vitalidade.

## REFERENCIAS

- Bilbao, G; Cury, V. (2006). O artista e sua arte: um estudo fenomenológico. *Revista Paidéia*, 16(33). <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000100012>.
- Berselli, M.; Soldera, N. Anna Halprin.(2022). uma trajetória de desestabilizações rumo a práticas criativas que celebram a diferença. *Revista Aspás*, [S. l.], 12(1), 54-72, 2022. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3999.v12i1p54-72>.
- Borges, D. (2009). A Influência platônica sobre a modernidade: semelhanças entre o pensamento de Platão e o sistema de René Descartes. *Polymatheia - Revista de filosofia* (Online), 5, 173-189.

- Borges, H. (2019). *Sopros da pele, murmúrios do mundo*. 1a ed. 7Letras. Goia, J (2007). Memórias de um corpo esquecido. *Revista do Departamento de Psicologia Universidade Federal Fluminense*, 19, 101-110. <https://doi.org/10.1590/S0104-80232007000100008>.
- Guedes, R. (2021). A expressão criativa e a ACP em busca de uma construção de si. In Lopes, J; Müller, F (orgs). *Transversalidades na abordagem centrada na pessoa: diálogos, possibilidades e contribuições*. São Paulo: Pimenta Cultural.
- Kiffer, Ana (2021). Diante dos afetos: visceralidade, emancipação, dor e relação. *Revista do Laboratório de Dramaturgia / LADI*, 18.
- Lepecki, A. (2015). A errância como trabalho: sete notas dispersas sobre Dramaturgia da Dança. In Caldas, Paulo; Gadelha, Ernesto (org). *Dança e Dramaturgias*. Nexus.
- Lima, E. (2017). Explorando arte e corpo em um campo expandido: Uma experiência de produção de comum. *ILINX - Revista do LUME*. 12(3), 81-90.
- Lopes, R. (2020). A terapia expressiva centrada na pessoa : utilização e limites no contexto brasileiro [Trabalho de conclusão de curso de Bacharel em Psicologia] Universidade Federal da Paraíba (UFPB): João Pessoa. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18059>
- Maia, M. (2022). Experiências do sentir: corpo e congruência [Trabalho de conclusão do curso de especialização lato sensu em Psicologia Humanista – ACP]. UNEPOS: Brasília.
- Medeiros, J. (2021). Arte, criação e criatividade: entre a utilidade e a inutilidade na epistemologia ocidental. *Communiars. Revista de Imagen, Artes y Educación Crítica y Social*, 5, 27-37.

Reis, A. (2014). Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34, 142-157. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100011>

Resende, C. et al (2017). Que lugar para a corporeidade no cenário dos saberes e práticas psis? *Fractal: Revista de Psicologia*, 29(2), 89-95. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v29i2/2330>.

Rios, F; Olívia, P; Arlene, R. (2019). Interseccionalidade nas mobilizações do Brasil contemporâneo. *Lutas Sociais*, 22(40), 36-51.

Rogers, C. (1961). Tornar-se pessoa. Tradução de Manuel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli; revisão técnica Claudia Berliner. – 6.a ed. – Editora WMF Martins Fontes, 2016.

Rogers, C. & Kinget, M. (1977). *Psicoterapia e Relações Humanas*. Belo Horizonte: Interlivros. Disponível em: <<https://gmeaps.files.wordpress.com/2018/05/rogers-carl-psicoterapia-e-relacoes-humanas-vol-1-teoria-e-pratica-da-terapia-nao-diretiva-interlivros-1977.pdf>> Acesso em: jan. 2024.

Rogers, N. (1980). *Emerging woman: A decade of midlife transition*. Personal Press.

Rogers, N. (1993). *A Conexão Criativa*. [s. l.: s. n.].

Rogers, N. (2003). As artes expressivas centradas na pessoa: um caminho alternativo no aconselhamento e na educação. Entrevista concedida à Laura Guadiana. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, 5(2).

Santos, A; Costa, F (2017). Filosofia da Corporeidade: transversalizações de um corpo intenso de devir. *Educação & Realidade*, 43, 223-237. <https://doi.org/10.1590/2175-623663733>.

Santos, A. (2015). *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*. INCTI/UnB.

Santos, B. (2003). Platonismo e Cristianismo: irreconciliabilidade radical ou elementos comuns? *Veritas: revista trimestral de filosofia da PUCRS.*, 48, (3), 323-336.

Tambara, N; Freire, E. (1999). *Terapia Centrada no Cliente: um caminho sem volta*. Delphos.

Tatit, I. (2023). O ideal de singularização na direção do tratamento. *Revista Lacuna*. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2023/12/19/n-15-01/>> Acesso em: jan. 2024.